

# Minibibliotecas: construindo diálogos com educadores Kalunga em formação na licenciatura em Educação do Campo

*Juliana Andréa Oliveira Batista e Rosineide Magalhães de Sousa*

## Introdução

A insuficiência do sistema educacional brasileiro no que se refere a atender às demandas e especificidades existentes no âmbito do espaço rural tem fomentado, historicamente, inúmeros debates sobre projetos educativos que contemplem as reais necessidades dos sujeitos do campo, como a garantia de acesso a uma educação contextualizada e que dialogue com todo o debate pedagógico existente no conjunto da sociedade.

A educação do campo se insere na disputa por uma educação pública contextualizada para os sujeitos do campo, considerando suas especificidades sociais, culturais, ambientais, além das diferentes lutas em cada território do campo, com suas tensões e contradições. Segundo Molina e Sá (2012), na concepção da Educação do Campo, o espaço rural é território para a produção de vida e de novas relações sociais, de novas relações entre homens e a natureza e entre o rural e o urbano.

Diante desse cenário, refletimos aqui sobre a pesquisa etnográfica desenvolvida no ambiente pedagógico da licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), direcionada a educadores/educandos de origem Kalunga, especialmente sobre o desenvolvimento do letramento desses professores do campo em

formação inicial, contribuindo para as práticas de ensino. No curso, os participantes produziram textos expositivos e argumentativos (artigos de opinião) sobre as práticas de extrativismo sustentável dos seus contextos, relacionando-as com os conteúdos das cartilhas das Minibibliotecas, produzidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

O objetivo desta pesquisa foi estimular reflexões críticas, identificando potencialidades e limitações sobre o uso das cartilhas das Minibibliotecas, sobre boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do buriti, da mangaba, do umbu, do pequi e do coquinho-azedo, no ambiente pedagógico da LEdoC, especialmente considerando o contexto dos educandos com origem em comunidades Kalunga do nordeste goiano. Espera-se que este estudo contribua, também, para o processo de reflexão sobre as estratégias institucionais de apoio à escolarização e incentivo à leitura, considerando a complexidade e a diversidade do contexto de origem dos educandos dessas comunidades Kalunga.

## Metodologia

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) foi institucionalizada em 2007, como modalidade de ensino superior, que pretende formar e habilitar profissionais para atuação nos ensinos fundamental e médio nas escolas de educação básica do campo. É um curso regular da Universidade de Brasília (UnB), realizado na Pedagogia da Alternância, integrando Tempo-Escola (TE) e Tempo-Comunidade (TC). Molina e Sá (2012, p. 466) salientam que “a alternância (TE e TC) tem articulação intrínseca entre educação e realidade específica das populações do campo e busca facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício”.

O espaço formativo da LEdoC pretende favorecer a formação crítica dos educadores, a fim de que se tornem sujeitos construtores de conhecimentos, formadores de opinião e capazes de intervir na história, promovendo suas culturas nos contextos em que estão inseridos para transformar suas realidades. Essa perspectiva emancipadora demanda o aprimoramento das habilidades de letramentos desses

educandos, especialmente porque deverão desenvolver os processos de leitura, produção e interpretação de textos durante todo o curso. Os letramentos nesse contexto concebem como requisito primordial a autonomia e a autoria, considerando a capacidade criativa e intelectual desses sujeitos (FREIRE, 1996).

### **Letramento e oralidade**

Considera-se, aqui, o conceito de letramentos cuja abordagem epistemológica retoma aspectos históricos, sociais e culturais de um determinado grupo social em um determinado tempo, ou seja, considerando que as práticas de letramento são historicamente situadas e são padronizadas por instituições sociais e relações de poder (BARTON et al., 2000). O letramento situado e contextualizado resulta de relações de poder estabelecidas localmente, e alguns letramentos são dominantes e representam a estrutura de poder local. Nem sempre esses letramentos são os de leitura e escrita, dependendo do contexto local, a oralidade assume papel preponderante nas relações de poder. Sousa (2010) adverte sobre a necessidade de reflexão sobre esses saberes básicos, que nem sempre foram adquiridos na escola básica.

A formação dos educadores e das educadoras do campo requer uma reflexão sobre saberes básicos: ler e escrever com proficiência, já que a escola do Ensino Básico não cumpriu com esse letramento. Essa negação é uma forma de opressão (SOUSA, 2010, p. 5).

No contexto rural, prevalece a oralidade na comunicação e nas relações sociais, conforme aponta a autora. Essa oralidade se revela muitas vezes, a partir dos discursos relacionados a temas como reforma agrária, agroecologia e preservação ambiental, entre outros. “No entanto, é na escrita que se identificam as limitações ortográficas e na construção morfossintática” (SOUSA, 2010, p. 6). Baiocchi (1999) considera que a tradição oral tem papel preponderante na expressão de um povo, de seus valores e de sua cultura. Contribui também para a preservação dos conhecimentos sobre a ciência natural repassada por seus antepassados. Além disso, a tradição oral revela a beleza poética, literal e filosófica registrada em suas memórias. “A história oral registra quando tudo começou; os primeiros moradores, as migrações sucessivas, a posse da terra, a miscigenação com o indígena” (BAIOCCHI, 1999, p. 38).

O momento atual aponta um cenário de novas perspectivas na construção do conhecimento científico sobre o meio rural, formado pela diversidade de sujeitos e instituições governamentais e não governamentais, que tem contribuído para a construção de um novo paradigma, em que os sujeitos do campo também são considerados produtores de conhecimento, ou intelectuais orgânicos, conforme anunciado por Gramsci. No entanto, sabe-se que construir relações horizontais na concepção e produção de conhecimentos é um ato desafiador para as organizações. Por sua vez, esses sujeitos do campo tem forjado seu protagonismo, a partir das experiências concretas de produção e sistematização de conhecimentos, constituindo assim, legitimidade suficiente para dialogarem suas experiências em conexão com o conhecimento científico produzido. Os sujeitos do campo estão superando o papel preestabelecido de “beneficiários”, transformando-se em “coparticipantes” no processo de produção e sistematização de conhecimentos sobre o meio rural. O debate versa não somente pelo acesso ao conhecimento científico, mas especialmente em como se dá a produção desse conhecimento e suas interfaces com o meio onde é produzido e socializado (FREIRE, 1989).

### **As Minibibliotecas**

Identificou-se a oportunidade de estimular a análise crítica de algumas cartilhas das Minibibliotecas da Embrapa, no ambiente formativo da LEdoC, considerando-se que esse é um projeto de educação emancipadora e transformadora para os povos do campo. A decisão de realizar o estudo na Turma V da LEdoC foi exatamente por identificar uma maioria de educandos com origem em comunidades quilombolas do nordeste goiano, os quais representam parte do conjunto de comunidades quilombolas que receberam o acervo das Minibibliotecas.

As Minibibliotecas decorrem de uma iniciativa governamental e pretendem contribuir para as dinâmicas de escolarização e incentivo à leitura no meio rural. Compõem-se de publicações impressas (livros e cartilhas), de forma ilustrada e com recursos lúdicos e pedagógicos; de vídeos (Dia de Campo na TV) e áudios (Prosa

Rural) que apresentam as tecnologias em linguagem acessível e no sistema passo a passo. A coordenação dessa iniciativa é realizada pela Embrapa Informação Tecnológica, que coordena a gestão e a organização da maioria das informações produzidas nas Unidades da Empresa. O acervo é composto por coleções que abordam principalmente os seguintes temas: a preservação e educação ambiental; a cidadania e o cooperativismo; o cultivo de hortas e quintais; a criação de pequenos e grandes animais; a produção de alimentos de qualidade; o manejo do solo e da água; e instruções para iniciar uma pequena agroindústria de alimentos (EMBRAPA INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA, 2008a).

### **Sobre a comunidade Kalunga**

Dentre as comunidades quilombolas da região Centro-Oeste, a Kalunga é a mais importante pelo seu histórico e pelo número de habitantes, e está entre as maiores do País. Ela ocupa uma área de 253,2 mil hectares, com uma população estimada em mais de 12 mil habitantes. Em 1991, foi reconhecida pelo governo de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (ANJOS; CIPRIANO, 2006; BAIOCCHI, 1999; TIBURCIO, 2007). O Sítio Histórico Kalunga está situado na região nordeste do Estado de Goiás e abrange três diferentes municípios: Teresina, Monte Alegre e Cavalcante. Nessa grande área, há diferentes comunidades negras com cinco núcleos principais: Contenda; Kalunga; Vão de Almas; Vão do Moleque e Ribeirão dos Bois. Esse quilombo fica localizado nas serras de Cavalcante, no nordeste goiano, Chapada dos Veadeiros. Com existência de mais de 300 anos, ficou séculos no isolamento.

Os Kalunga se caracterizam pela ancestralidade na ocupação e pela identidade de resistência à escravidão e de negação de inferioridade imposta pela ordem colonial. Possuem vínculo natural entre produção familiar e educação. A cultura é baseada na oralidade. Há vocação para a produção agroecológica e o uso da enxada e da foice como instrumentos de trabalho. Produzem grãos, frutos e cocos do cerrado e de pomares, praticam a pesca e criam gado, porcos e aves. O manejo peculiar no uso das terras e nas práticas extrativistas como

a pesca, a coleta e a caça se caracterizam por serem práticas sustentáveis que dialogam bem mais com as suas necessidades básicas e os ciclos da natureza do que com as suas relações com o mercado. Vieira (2007) reforça que esse jeito de se relacionar com a natureza promoveu impactos positivos, como o aumento da diversidade da fauna e da flora e a conservação do meio ambiente. Essas comunidades são aliadas na geração de conhecimento para a sustentabilidade dos ecossistemas.

O modo de viver e de se relacionar com a natureza, os vínculos naturais com as rezas e as festas relacionadas ao modo de cultivar a terra são alguns dos indicadores da resistência e da força desses afrodescendentes, que resistem em conservar suas raízes africanas, além de contribuir para a preservação do Cerrado brasileiro. Para Baiocchi, “a economia Kalunga, que não devasta o solo, possibilitou a manutenção de um verdadeiro ‘santuário ecológico’. Ali a natureza reproduz e perpetua a vida” (BAIOCCHI, 1999, p. 21).

## **Etnografia**

A Etnografia Colaborativa (BORTONI-RICARDO, 2009) constituiu a base metodológica para o desenvolvimento da pesquisa. Como a ênfase é no processo, a pesquisa permitiu uma análise mais integrada, permeada pelas visões de mundo das pessoas envolvidas, permitindo reunir uma diversidade de dados coletados por diferentes instrumentos, que, juntos, constituíram o tecido da pesquisa em questão. Com a observação contínua sobre os acontecimentos e as características importantes do contexto local, constituiu-se o processo de geração, interpretação e análise de dados, que é um processo contínuo de reflexão e análise, retroalimentado durante toda a pesquisa, que tem caráter interpretativo e cuja formação etnográfica foi progressivamente se constituindo em exercícios de construção da teoria sobre as ações observadas. (ANDRÉ, 2008).

A pesquisa se desenvolveu no ambiente formativo da LEdoC. Para compreender o contexto e vivenciar as experiências dos educandos, buscou-se a imersão no dia a dia e participação ativa das atividades,

ajustando as dinâmicas de uso das cartilhas das Minibibliotecas à proposta pedagógica de formação dos educandos, considerando os tempos formativos: Tempo-Escola (TE) e Tempo-Comunidade (TC). Nessas dinâmicas, os educandos produziram textos expositivos e argumentativos – resenhas e narrativas –, por meio dos quais buscaram relacionar os conteúdos dessas cartilhas às práticas das suas comunidades de origem. As discussões foram orientadas a partir dos conteúdos das cartilhas, selecionadas para este estudo por apresentarem práticas de extrativismo sustentável de frutos do Cerrado, naturalmente praticadas pelas comunidades Kalunga do nordeste goiano.

**Tempo-Escola:** A produção de resenhas buscou disponibilizar o exercício de análise crítica sobre os conteúdos dessas cartilhas, relacionando-as aos contextos de origem dos educandos, especialmente dos educandos oriundos das comunidades Kalunga. Os educandos da turma V da LEdoC produziram 45 resenhas.

**Tempo-Comunidade:** Os educandos receberam acompanhamento e orientação para a realização de narrativas com pessoas das suas comunidades Kalunga, a partir da reflexão sobre a produção textual produzida nas análises das cartilhas das Minibibliotecas. Orientou-se a produção de narrativas, sob o olhar constituído a partir da produção das resenhas das cartilhas, buscando identificar e registrar as práticas sustentáveis de uso dos frutos de Cerrado nessas comunidades.

## Resultados

Foram definidas três categorias para articular o conjunto de análises constituídas durante a pesquisa etnográfica, incluindo a análise da produção textual crítica (resenhas) – Tempo-Escola –, e a análise da produção textual (narrativas) – Tempo-Comunidade. Inclui-se, também, a análise dos registros durante a pesquisa, como observações em campo, gravações, diário de campo, etc. Considera-se que essas categorias contribuem para traduzir o contexto e suas especificidades.

## Categoria

## Análise

## Relato

**Identidade Kalunga**

Os relatos sobre as histórias de vida de pessoas das comunidades Kalunga evidenciam claramente as dificuldades enfrentadas no ambiente familiar, como o duro trabalho nas roças para ajudar os pais, a baixa escolaridade, a falta de infraestrutura básica, as dificuldades de acesso à cidade com caminhadas de até 12 horas ou com o uso de animal, bem como a ausência de atendimento médico nessas comunidades. Os relatos registram também a identificação e o sentimento de pertencimento dos educandos e de suas comunidades ao Território Kalunga e como a LEdoC tem contribuído para resgatar a história desses remanescentes de quilombo, suas lutas e a importância desse povo no contexto das lutas dos movimentos sociais pelo direito à terra e a viver dignamente no campo.

**Formas de uso dos frutos: alimentar e medicinal**

Evidencia-se até os dias de hoje a prática de escambo da produção familiar por outras necessidades da família: o uso de sementes crioulas que são produzidas nas próprias comunidades. A produção de frutos no território é diversificada e muito rica. Algumas comunidades produzem artesanato utilizando como base partes dos frutos que estão disponíveis. O buriti é utilizado para a confecção de artesanato (quibano, peneira, tapiti), e as palhas são utilizadas na cobertura das casas. A mangaba foi relatada pelos Kalunga como fonte de alimento in natura, na preparação de sucos e como remédio. Sua madeira é usada nas comunidades. Algumas comunidades Kalunga produzem polpas, geleias, doces e farinhas a partir desses frutos para consumo na comunidade e comercialização na cidade. O pequi é um dos frutos mais consumidos nas comunidades Kalunga. Além do consumo alimentar, é usado também como base para a produção de remédios caseiros e para a produção de sabão caseiro, prática antiga ainda realizada pelos Kalunga.

**Licenciatura em Educação do Campo**

De um modo geral, o material ofertado foi considerado como um importante instrumento didático para o uso pedagógico, especialmente nas escolas do campo, considerando-se que o tema principal é o extrativismo sustentável e esta é uma prática comum nas comunidades Kalunga que estão representadas pela maioria dos educandos da Turma V da LEdoC. Os conhecimentos prévios desses educandos sobre o extrativismo praticado nas suas comunidades facilitou a leitura e o entendimento dos conteúdos.

Segundo os educandos, as cartilhas alertam para a importância da conservação das áreas dos biomas que estão sendo devastadas pelos desmatamentos acirrados para a implantação de pastagens e monoculturas, os quais podem comprometer as nascentes. A linguagem adotada no material é considerada simples e de fácil compreensão. As cartilhas contam também com algumas ilustrações e fotos que estão bem dispostas didaticamente. Alguns educandos salientam que as cartilhas articulam conhecimentos compartilhados entre coletores experientes e pesquisas científicas

*"Eu me sinto muito orgulhoso sobre [sic] a resistência dos nossos antepassados e, assim, por exemplo, eu como quilombola me sinto orgulhoso porque nós tivemos uma história, uma trajetória de vida muito difícil e estamos até hoje aqui resistindo".  
Educatando A*

*"...Faço remédio dos frutos do Cerrado. Às vezes da folha do pequi, por causa de dor no estômago, dor no corpo. Quando a gente sente dor nas pernas, aí a gente faz. Cozinha a folha do pequi, lava as pernas que é bom pra dor. O óleo do pequi também às vezes a gente usa pra dor que a gente sente. O óleo do pequi é bom pra gripe e é bom pra quando a gente tá sentindo dor nas pernas...".  
Colaboradora 4*

*"...O extrativismo sustentável da mangaba gera renda e conserva a natureza. Uma pena que a devastação dos biomas está numa proporção muito além do que foi comentado no texto".  
Educatando K*

*"Um dos pontos em destaque na cartilha do pequi é sua linguagem simples e fácil de ser interpretada, dirigida a agricultores e às pessoas que vive [sic] no campo e que tem [sic] o extrativismo do pequi como renda sustentável".  
Educatando H*



## Discussão

No contexto pedagógico da LEdoC, observa-se que, ainda que a oralidade seja uma característica marcante nas comunidades Kalunga (BAIOCCHI, 1999), identificaram-se algumas dificuldades consideráveis na expressão oral e na leitura textual dos educandos da Turma V da LEdoC. Essas dificuldades se justificam pela fragilidade da educação básica da maioria desses educandos. Percebe-se a necessidade de se utilizarem dinâmicas pedagógicas para exercitar a oralidade em sala de aula e nas comunidades de origem, de modo que, ao longo do processo formativo, esses educandos adquiram essas habilidades. De outro modo, os educandos que possuem origem em assentamentos da reforma agrária demonstram maior familiaridade com a oralidade e com a leitura textual. Considera-se, nesse caso, que esses educandos estimulam naturalmente uma diversidade de eventos de letramentos (letramentos múltiplos) que estão em circulação nos diversos contextos locais e contribuem para o exercício da leitura e da escrita no ambiente comunitário: realização de assembleias, seminários, encontros, oficinas e místicas, entre outros (SOUSA, 2010).

Destacam-se também algumas dificuldades de compreensão e análise textual. Essa é uma característica recorrente no conjunto dos educandos oriundos de comunidades Kalunga. Essas dificuldades foram identificadas a partir da produção textual desses educandos, observando-se as lacunas na construção do pensamento e na organização das ideias. No entanto, registra-se também a capacidade de conexão de conteúdos abordados com as realidades de suas comunidades. Os educandos conseguem estabelecer a relação de similaridade ou de distanciamento dos conteúdos, fazendo questão da manifestação pessoal. Essa capacidade representa um atributo importante que traduz traços da identidade desses educandos.

As dificuldades apresentadas nos levam a uma reflexão sobre que tipos de estímulos estão em circulação no ambiente familiar e comunitário desses educandos, os quais possam favorecer ou não a expressão oral e a leitura textual e estejam relacionados à cultura oral e à escrita. Dialogando com Rojo (2009), que versa sobre

os letramentos locais ou vernaculares, os quais são usualmente desvalorizados pela cultura oficial, embora estejam no cotidiano e na cultura local, observa-se a existência de uma rica diversidade de eventos de letramentos realizados nas comunidades Kalunga, como as festas religiosas e as reuniões comunitárias, entre outros. Esses eventos de letramento contribuem sobremaneira para o exercício da cultura oral e da escrita dos educandos e precisam ser considerados e valorizados no ambiente pedagógico da LEdoC para o desenvolvimento de estratégias que somem na aquisição dessas habilidades pelos educandos.

No contexto institucional das Minibibliotecas, é preciso considerar que os temas são transversais, estão interligados e transitam na complexidade das relações estabelecidas localmente. Nem sempre é possível pensar em uma ação relacionada a um determinado tema sem considerar o rol de temas que circulam no contexto local que concebe processos interativos, de intercâmbio e de produção (ou adaptação) de conhecimentos com os sujeitos do campo.

Deve-se considerar também outras dimensões, como a dimensão cultural, social, ambiental, religiosa, etc. Esse é um processo de aprendizado dialogado que significa ampliar as possibilidades de atuação, até mesmo para a aprendizagem institucional nesse processo.

No caso da disponibilização de conteúdos formatados como os das Minibibliotecas, é preciso constituir uma percepção ética sobre as possíveis limitações existentes entre os conhecimentos ofertados (conteúdos, ferramentas e formatos) e as demandas e necessidades locais dessas comunidades rurais.

É necessário, portanto, considerar as especificidades e valores do contexto local na produção e/ou adaptação de conteúdos específicos, bem como a participação de parceiros de instituições públicas e da sociedade civil organizada que possuem suas expertises em processos similares. Deve-se também considerar a coautoria dos sujeitos no campo na produção (ou adaptação) de conhecimentos em ações partilhadas, incluindo aí a discussão sobre propriedade intelectual, sistematização e publicidade.

A cronologia estabelecida nos tempos institucionais precisa dialogar com as complexidades dos contextos locais. A construção de uma relação dialógica com os sujeitos do campo demanda tempo e dedicação contínua. Isso significa que o cronograma programático de uma ação planejada institucionalmente deve considerar a complexidade existente nos contextos locais.

## Considerações finais

O uso das cartilhas das Minibibliotecas no ambiente formativo da LEdoC contribuiu para a aprendizagem dos educandos das comunidades Kalunga na produção textual, considerando que o tema “extrativismo sustentável” é uma prática comum nessas comunidades. A pesquisa etnográfica evidenciou a relevância de conteúdos técnico-científicos na formação de educadores do campo e, mais ainda, a perspectiva de construção de diálogos de saberes que se somam e se complementam. Sugere-se, assim, a continuidade da investigação das dinâmicas de uso de conteúdos das Minibibliotecas, ofertados e/ou a serem elaborados, para uso nas práticas pedagógicas da educação formal, além de outros espaços identificados como oportunidade de aprendizagem dialógica. Acredita-se, também, que a continuidade dessa pesquisa etnográfica pode estimular processos de aprendizagem institucional, incluindo intercâmbios e exercícios de produção (ou adaptação) de conhecimentos com significado local. Esses processos contribuem com uma perspectiva diferenciada sobre as relações dialógicas e a produção de conhecimentos com os sujeitos do campo. Essa perspectiva dialógica precisa ser estimulada, também, no ambiente interno da instituição, com respeito às diferentes concepções metodológicas e visões de mundo.

## Referências

ANDRE, M. E. de A. **Etnografia da prática escolar**. Papirus. Campinas, 2008.

ANJOS, R. S. A. dos; CYPRIANO, A. **Quilombolas: tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aiori Comunicação, 2006.

- BAIOCCHI, M. de N. **Kalunga**: povo da terra. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 1999. 123 p.
- BARTON, D.; MARY HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies**: reading and writing in context. London: Routledge, 2000.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O Professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2009.
- CALDART, R. S. (Org.) **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- EMBRAPA INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA. **III Plano Diretor da Embrapa Informação Tecnológica**: 2008-2011. Brasília, DF: Embrapa, 2008. 38 p.
- FREIRE, P. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: [s.n.], 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996. MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. **Licenciatura em educação do campo**. In. CALDART, R. S. (Org.) **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009. 128 p.
- SOUSA, R. M. de. **Práticas de letramento**: produção textual coletiva na formação do docente do campo. Brasília, DF: Ed. da UnB, 2010.
- TIBÚRCIO, B. A.; VALENTE, A. L. E. F. O comércio justo e solidário é alternativa para segmentos populacionais empobrecidos? Estudo de caso em Território Kalunga (GO). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 45. p. 497-519, 2007.
- VIEIRA, J. L. G. **Etnoconhecimento**: organização das ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação e transferência de tecnologia da embrapa relacionadas aos povos e comunidades tradicionais. Brasília, DF: Embrapa, 2007.